O Cântico delle creature, a Preghiera Semplice e a espiritualidade de Francisco de Assis nas apropriações pela literatura, música e cinema nos contextos culturais, socioeconômicos, políticos e religiosos do século XX. Um breve estudo.

Gilberto Aparecido Angelozzi

RESUMO

O século XX começou com uma grande guerra que questionou homens e mulheres em uma sociedade marcada por tempos sombrios. Seguiu-se a Segunda Guerra Mundial e os horrores se multiplicaram. Ao final da guerra novos tempos advieram e a guerra passou a se manifestar em um mundo polarizado. Movimentos sociais e religiosos manifestaram anseios de construção da paz interior e exterior. A Igreja Católica retomou a Doutrina Social da Igreja e na América Latina a Teologia da Libertação alimentou os anseios de paz, libertação e vida em plenitude de comunidades, movimentos e pastorais. O cinema, a música, a literatura, a sociedade, a política e a religião se apropriaram da espiritualidade de Francisco de Assis e especialmente do Cântico das Criaturas e da Oração a ele atribuída e as ressignificaram em contextos diferentes expressando o desejo de vencer a dualidade entre o amar e ser amado.

ABSTRACT

The twentieth century began with a great war that questioned men and women in a society marked by dark times. World War II followed and the horrors multiplied. At the end of the war, new times came and the war began to manifest itself in a polarized world. Social and religious movements have expressed their desire to build inner and outer peace. The Catholic Church has taken over the Social Doctrine of the Church and in Latin America Liberation Theology has fueled the yearnings for peace, liberation and life in the fullness of communities, movements and pastorals. Cinema, music, literature, society, politics and religion appropriated the spirituality of Francisco de Assis and especially the Cantic of

Creatures and the Prayer attributed to him and re-signified them in different contexts expressing the desire to overcome duality between loving and being loved.

RESUMEN

El siglo XX comenzó con una gran guerra que cuestionó a hombres y mujeres en una sociedad marcada por tiempos oscuros. La Segunda Guerra Mundial siguió y los horrores se multiplicaron. Al final de la guerra, llegaron nuevos tiempos y la guerra comenzó a manifestarse en un mundo polarizado. Los movimientos sociales y religiosos han expresado su deseo de construir la paz interior y exterior. La Iglesia Católica se ha hecho cargo de la Doctrina Social de la Iglesia y en América Latina la Teología de la Liberación ha alimentado los anhelos de paz, liberación y vida en la plenitud de las comunidades, movimientos y pastorales. El cine, la música, la literatura, la sociedad, la política y la religión se apropiaron de la espiritualidad de Francisco de Assis y, especialmente, del Cántico de las Criaturas y de la Oración que se le atribuyó y re-significó en diferentes contextos expresando el deseo de superar la dualidad. entre amar y ser amado.

ASTRATO

Il ventesimo secolo iniziò con una grande guerra che mise in discussione uomini e donne in una società segnata da tempi bui. Seguì la seconda guerra mondiale e gli orrori si moltiplicarono. Alla fine della guerra, arrivarono nuovi tempi e la guerra iniziò a manifestarsi in un mondo polarizzato. I movimenti sociali e religiosi hanno espresso il loro desiderio di costruire la pace interiore ed esteriore. La Chiesa cattolica ha assunto la dottrina sociale della Chiesa e in America Latina la teologia della liberazione ha alimentato i desideri di pace, liberazione e vita nella pienezza di comunità, movimenti e pastorali. Il cinema, la musica, la letteratura, la società, la politica e la religione si sono appropriati della

spiritualità di Francisco de Assis e in particolare del Cantico delle creature e della Preghiera attribuita a lui e le hanno ri-significate in diversi contesti esprimendo il desiderio di superare la dualità tra amare ed essere amati.

As apropriações do "Cântico das Criaturas" e da chamada "Oração de São Francisco" nos contextos culturais, religiosos, econômicos, políticos e sociais do século XX. Um breve estudo.¹

Gilberto Aparecido Angelozzi²

Os conflitos sociais, as crises econômicas e a política interferem na vida fisiológica e psíquica de homens e mulheres que são coagidos, questionados, sentem-se enfraquecidos, são marginalizados, colocados em situações limítrofes e que estão em oposição ao prazer, à busca da realização pessoal, da felicidade. Esses contextos e situações fazem com que muitos busquem soluções em uma idealizada "era de ouro", ou seja, de felicidade. Em muitos casos essa idealização se faz através da religião, da busca da salvação, do sagrado, do paraíso perdido. Neste último caso, reencontrar o que se perdeu implica em mudanças e revisões de vida, processos que questionam e propõem rompimento com as estruturas sociais e hegemônicas (GRAMSCI, 2000, §24, p.225). O rompimento da hegemonia possibilita também uma mudança da norma como consequência do questionamento da política, da sociedade e das estruturas de poder e fé, propiciando o estabelecimento de novas estruturas e representações, processo no qual a religião tem papel fundamental. Consideramos aqui a religião como um poder simbólico, exercido com a cumplicidade dos que a ele estão sujeitos, ainda que ignorem tal sujeição (BOURDIEU, 2000, p.15). Entendemos também que através das relações estabelecidas entre esses indivíduos e o poder simbólico exercido pela religião nascem representações sociais e crenças que se manifestam nos processos de transcendência e nas relações de poder presentes na sociedade e no aparato jurídico, no Estado, e que se manifestam muitas vezes em tradições inventadas que legitimam o simbólico. Tomando essa base teórica e interpretando as fontes e os documentos da Igreja em comparação com fatos e contextos culturais, sociais, políticos e

---

¹ As fontes franciscanas foram traduzidas do italiano pelo autor.

² Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-doutorado em História e Literatura Medieval Italiana com ênfase nos textos do primeiro século franciscano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participa do Núcleo de Estudos das Américas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

econômicos do século XX intentamos dar luz às ressignificações do "Cântico das Criaturas", da chamada "Oração de São Francisco" (*Preghiera Semplice*) e da espiritualidade de Francisco de Assis enquanto mensageiro da paz, por ocasião dos 800 anos do encontro de Francisco com Malik al Kamil, sultão do Egito, em Damietta em 1219, aproximadamente sete anos antes da morte de Francisco em 1226, aos 44 anos.

De acordo com dados do IBGE, a expectativa de vida do povo brasileiro na década de 1980 era de 62,5 anos, porém a pirâmide etária possuía base larga e ia afunilando, principalmente a partir dos 40 anos, como consequência das condições de alimentação, saúde, desemprego e pobreza. Às diferenças entre cidade e campo somavam-se trabalho escravo, morte por avanços da grande propriedade sobre a pequena propriedade, exploração da mão de obra, seca, ausência de água e esgotos. Tudo isso está expresso nos versos do poema "Morte e vida severina", de João Cabral de Melo Neto: "[...] comer quando havia o quê e, havendo ou não, trabalhar [...] Agora trabalharás só para ti, não a meias, como antes em terra alheia [...] Será de terra tua derradeira camisa: te veste, como nunca em vida" (MELO NETO, 2007, pp. 10.13).

Francisco de Assis, enquanto santo, herói do seu tempo, foi ressignificado no contexto da Igreja Latino-americana e especialmente da Igreja do Brasil para quem levava morte e vida severina. Francisco serviu de modelo para o movimento dos sem-terra, para operários, trabalhadores rurais, jovens, homens, mulheres e crianças das Comunidades Eclesiais de Base e das Pastorais. Esses grupos encontravam na "Leitura popular da Bíblia" a atualização da mensagem de Deus e reliam a sua realidade, os seus problemas, dramas pessoais, marginalização e alegrias através de uma proposta de libertação do cativo, de vivência da Boa Nova. Na figura de Francisco encontravam identificação com aquele que foi capaz de seguir o Cristo vencendo o acaso, compreendendo as repetições, revelando as máscaras e seguindo em busca da vida. Trata-se da via do amor, da felicidade, da vida, que Sigmund Freud definiu como possível através de vastas alterações psíquicas da função amorosa, permitindo que aquele que ama seja capaz de amar igualmente a todas as pessoas deslocando o peso maior de ser amado para amar. Nesse aspecto, Freud afirma que São Francisco talvez tenha sido aquele que mais avançou (FREUD, 1930/2013, pp.64-65). Esse pensamento está traduzido na "Oração de São Francisco" gravada em um disco que foi

tema da Campanha da Fraternidade de 1983, cujo lema era: "Fraternidade sim, violência não". Um disco compacto simples, gravado por Francisco Sérgio, tendo na face A a música "O caminho", de Valdecy Farias, e na B a "Oração de São Francisco" musicada por Padre Irala, foi lançado pela Edições Paulinas Discos e tornou-se um sucesso da música católica. A música dedicada ao santo de Assis foi cantada inclusive em reuniões de outras denominações religiosas e serviu de tema para uma tradicional festa de ação de graças realizada anualmente pelo Banco Bradesco, na sua sede "Cidade de Deus", em Osasco-SP. Porém não foi a primeira reinterpretação dessa oração. A chamada *Preghiera Semplice* não figura nos escritos de São Francisco de Assis e em nenhuma fonte franciscana. Foi publicada pela primeira vez em dezembro de 1912 em uma revista que se propunha a ser um boletim mensal chamado *La Clochette*. O texto alcançou milhares de leitores e em 1915 foi publicado em um "santinho" normando como "Oração do Sagrado Coração", como inspirada no testamento de Guilherme, o Conquistador. No ano seguinte o jornal *L'Osservatore Romano* publicou na primeira página em tradução italiana, identificando-a como uma oração normanda pela paz. Começara a Primeira Grande Guerra. Seus horrores já se manifestavam e o mundo ansiava por paz. O transcurso da guerra e suas consequências foram tempos sombrios, em que homens e mulheres percebiam-se como ambivalentes, convivendo com o bem e o mal, indagando sobre a felicidade e a superação da *hybris* (desmedida), uma luta entre amar e ser amado (FREUD, 1930/2013). Essa busca de uma reparação geradora de prazer cooperou para que a partir de 1927 a "Oração pela Paz" fosse associada a Francisco de Assis, ideia que se consolidou depois da Segunda Guerra Mundial. A identificação dessa oração com a vida e a proposta de São Francisco de Assis fez com que todos os que anseiam pela vida e pela paz associem e assimilem essa nova tradição. Os franciscanos também cooperaram, associando-a ao seu carisma e à sua espiritualidade e divulgando-a pelo mundo (RENOUX, 2001). Para entender como essa nova tradição se fixou na cultura devemos observar as memórias e os conteúdos que se somaram e foram ressignificados.

Em 1219, há 800 anos, um encontro histórico entre Francisco de Assis e o sultão do Egito Malik al Kamil testemunhou a condição do *poverello* como mensageiro da paz. O encontro ocorreu durante as ações militares da Quinta Cruzada. Os soldados frísios haviam cercado o porto de Damietta, onde Francisco desembarcou em missão de paz. Ele não

pretendia ser cruzado nem capelão, mas sim pregar o evangelho, mesmo que para isso tivesse que suportar injúrias e maus tratos (LEGGENDA MINORE, Lezione IX, 1356). O ataque à cidade foi longo e Francisco temia um revés, especialmente quando as tropas do sultão fizeram uma retirada estratégica (VAUCHEZ, 2009, pp.87-101). Nesse momento, de acordo com o testemunho de Giacomo (Jacques) da Vitry, muitos cruzados foram inflamados pelo zelo da fé, ainda que, de acordo com o Cardeal-Bispo, Francisco *não tinha medo de se colocar no exército de nossos inimigos e por muitos dias ele pregou a palavra de Deus, mas sem muito fruto. Mas o sultão, rei do Egito, pediu-lhe em segredo que implorasse ao Senhor por ele para que, depois da inspiração divina, ele pudesse aderir àquela religião que mais agradava a Deus.* (CRONACHE. Lettera del 1220. 2212,2).

Eric Hobsbawm identifica o século XX como uma "Era de Catástrofe". A maior parte desse século registrou a ocorrência de guerras em alguma parte do planeta. As duas grandes guerras geraram a destruição do passado, ou seja, dos mecanismos sociais vinculados às experiências pessoais das gerações envolvidas (HOBSBAWM, 2012, p.13). Não se tratava de reconstruir prédios, bibliotecas e museus ou restaurar antiguidades. A sociedade pós-guerra se dividia entre o real e o ideal. O holocausto nazista matara mais de dez milhões de pessoas. Homens e mulheres sobreviventes celebravam a vida e acompanhavam os movimentos dos grandes líderes mundiais que dividiram o mundo em áreas de influência, criaram as Nações Unidas para manter a paz, mas plantaram o Estado de Israel dentro do Estado Palestino, sem reconhecer o segundo, e dando margem para o aumento das tensões e a eclosão do conflito árabe-israelense em 1948.

Em 1946 Herman Hesse publicou *Demian*, inspirado no pensamento de Friedrich Nietzsche e nos seus conhecimentos de psicanálise. O autor recebeu o Nobel de literatura. Trata-se da história de um jovem que bem refletia o sentimento do mundo pós-guerra. O livro trouxe de volta outras obras do autor, dentre as quais *Francisco de Assis*, mistura de lenda e realidade histórica.

Enquanto os líderes mundiais definiam os destinos do mundo em guerra, outros iniciavam a construção de movimentos inspirados na paz e na não violência. Em 1943 Chiara Lubich iniciou na Itália o Movimento Focolares, ou Obra de Maria. Na Espanha, em 1948, a partir da Juventude de Ação Católica, teve início um movimento de caráter

Cristocêntrico, a *Obra de Cursilhos*. Esses movimentos se espalharam pela Europa e chegaram às Américas e mesmo ao Oriente. Em ambos havia o desejo de viver em comunidade e transpor a espiritualidade cristã para os ambientes onde estivessem inseridos. A *Preghiera Semplice* se tornou uma marca, uma proposta de vida.

A violência ainda era fortemente presente em um mundo pós-guerra, polarizado e vivendo o início da Guerra Fria, sob o fantasma da guerra destruidora e que assistiu o assassinato do líder pacifista Mahatma Gandhi, por Nathuram Godse em 1948. São Francisco de Assis foi revisitado pela literatura, pelo cinema e pela religião. Em 1950 Roberto Rossellini dirigiu e escreveu com Federico Fellini o filme *Francesco, giullare de Dio* (Francisco, o arauto de Deus), no qual a figura ingênua de Francisco deseja um mundo diferente onde o ódio seja substituído pelo amor. Francisco encontra a paz na relação com as criaturas, com o mundo que o cerca. Nesse contexto se dá a sua experiência mística do Deus que vive no homem e se manifesta na natureza. No filme, Francisco proclama a *Preghiera Semplice* como oração própria, diante dos pássaros e das árvores. O santo de Assis fazia o que os franciscanos na Itália e no mundo já haviam feito: associava a sua espiritualidade àquela oração. Por isso, se tomarmos a arte como forma de traduzir as culturas, encontraremos a "Oração pela Paz" assimilada como "Oração de São Francisco" e significada em imagens, ações e palavras por dois grandes representantes da sétima arte na Itália, cuja obra ultrapassou as fronteiras da Península Itálica.

Em 1953, no livro *Ο Φτωχούληστος Θεού* (O pobre de Deus, ou O pobre de Assis), Nikos Kazantzakis mostra um Francisco inflamado por amor ao Cristo, apresentando-se como o polichinelo de Deus, em constante busca de vencer a si mesmo. Sente-se como o arco, Deus como o arqueiro e a alma como a flecha: “[...] Quero dizer, irmão Leão, que existem três espécies de oração: A primeira: Meu Deus, retesa-me, senão apodrecerei. A segunda: Meu Deus, não me reteses demais ou eu me despedaçarei. A terceira: Meu Deus, retesa-me ao máximo, mesmo com o risco de me estraçalhar [...] Essa (a terceira) é a nossa prece, irmão Leão” (KAZANTZAKIS, 1953/1985, p.153). O autor conta a vida de Francisco a partir da experiência do seu principal companheiro, Frei Leão. Na obra, o autor descreve o encontro de Francisco com o sultão e destaca a aproximação do santo de Assis com Balduíno IV de Jerusalém. Francisco faz uma experiência mística de identificação com

Cristo e recebe os estigmas. É um trovador que louva a Deus na vida e na morte percorrendo vivendo o "Cântico das Criaturas" (*Cantico di frate sole*), que ele compôs e vivenciou.

O final da década de 1950 registrou as disputas no Canal de Suez, o surgimento do Nasserismo, a proclamação da República Árabe Unida em 1956 e a sua derrocada dois anos depois. Seguiram-se os conflitos entre Israel e Síria, o estabelecimento da OLP, a Revolução Iraquiana, conflitos que traziam no bojo as disputas entre EUA e URSS. A década de 1960 iniciou com os EUA já envolvidos na Guerra do Vietnã e no fracasso da invasão à baía dos Porcos, em Cuba. Logo em 1961, Michael Curtiz dirigiu o filme *Francis of Assisi*, baseado em *Francis the Joyful Beggar*, de Louis de Wohl, que tomou a *Preghiera Semplice* como *Oração de São Francisco* e deu destaque ao encontro do *poverello* com o sultão do Egito em 1219, refletindo o contexto histórico em que o filme foi lançado.

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por grandes filmes épicos religiosos, como *Ben Hur*, *Quo Vadis*, *Rei dos Reis*, dentre outros. Essas obras cinematográficas têm em comum personagens que buscam a superação diante do ódio, do egoísmo, da marginalização e da morte, vivenciando experiências místicas de superação do mal em busca da vida, experiências que contemplam a proposta da prece identificada como "Oração de São Francisco". Tudo isso foi complementado por transformações conciliares ocorridas na Igreja Católica.

O Concílio Vaticano II, finalizado em 1965, apresentou a Igreja de Cristo como um sacramento, um instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano. Os homens, ligados uns aos outros pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcançarão também a plena unidade em Cristo (LUMEN GENTIUM, I,1), em uma Igreja encarnada na vida do povo de Deus, nas culturas.

A nova Igreja proposta pelo Concílio Vaticano II implicava também em assumir novos desafios para levar a mensagem de Cristo a todas as culturas, ou seja, a igualdade na diversidade, seguindo a proposta de Cristo: Que todos sejam um (João 17:21-23). Assim, em uma América Latina que vivenciou a ascensão de governos ditatoriais que perseguiram, torturavam e matavam os opositores, desrespeitando os direitos humanos e manipulando a

fé de homens e mulheres, a Igreja se deparou com Francisco diante da Cruz de São Damião, ouvindo o crucifixo dizer: "Francisco, não vês que a minha casa está desmoronando? Vai e reconstrói a minha casa" (LEGGENDA, 1411, 13).

O Concílio Vaticano II levou a repensar a caminhada da Igreja, aprofundá-la e retomar a Doutrina Social da Igreja.

Na Encíclica *Populorum Progressio* (1967), o Papa Paulo VI criticou o liberalismo sem freio que considera o lucro como motor essencial do progresso econômico e conduz a uma ditadura do imperialismo internacional do dinheiro, já denunciada por Pio XI. O papa denunciou as excessivas disparidades econômicas, sociais e culturais que provocam tensões e discórdias entre os povos, desafiando e colocando em perigo a paz. A Igreja deveria *combater a miséria e lutar contra a injustiça, promover não só o bem-estar mas também o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade. A paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens* (PAULO VI, 1967/1997, 26.76-78).

No ano seguinte foi realizada a II Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín, na Colômbia, com a presença do Papa Paulo VI. No centro das reflexões da II CELAM estava uma nova reflexão sobre a condição do pobre, mais atual e aprofundada do que a presente na *Rerum Novarum*. Havia também uma crítica à concentração excessiva da propriedade nas mãos de poucos, o que reduzia uma grande maioria à pobreza e à miséria. Defendia-se ainda a necessidade de uma práxis que realizasse o encontro entre fé e política. Tais propostas foram fundamentais para o encontro da teologia e do marxismo e ampliaram a ação da Igreja no Brasil e em toda a América Latina junto aos grupos populares e às bases operárias. Nas conclusões, o episcopado latino-americano definiu a impossibilidade de deixar de assumir responsabilidades bem concretas para a criação de uma ordem social justa, sem a qual a paz não existe, é ilusória. Defendeu o mandato evangélico de defesa dos direitos dos pobres e oprimidos, urgindo governos e classes dirigentes a eliminar tudo que representasse a destruição da paz social, ou seja, a injustiça, a inércia, a venialidade e a insensibilidade. A II CELAM propôs ainda a convocação de confissões cristãs e não cristãs

para a tarefa de construir a paz, a justiça e dizer não a todas as formas de violência social, política, econômica, étnica e cultural.

No octogésimo aniversário da publicação da *Rerum Novarum* (1971), o papa Paulo VI publicou a encíclica *Octagesima Adveniens*, na qual a Igreja se posicionou frente à situação dos mais pobres na África, na Ásia e na América. O papa retomou a proposta de uma Igreja que deve estar a serviço dos mais necessitados. Não mais a das grandes catedrais, dos reis católicos ou associada a grandes líderes. Propunha uma inversão da pirâmide, uma *Εκκλησία* (*Ekklesia*), ou seja, uma instituição aberta a todos, na qual se estabeleça o serviço desinteressado e a partilha de bens terrestres e celestes, onde todos são irmãos.

São os mais fracos, efetivamente, que se tornam as vítimas das condições de vida desumanizadoras, degradantes para as consciências e perniciosas para a instituição da família [...] novos "pobres" - inválidos, inaptos para a vida social, ou velhos ou segregados por várias causas. (PAULO VI, *Octagesima Adveniens* I, 11).

O Papa Paulo VI propôs ainda uma mudança na prática pastoral: a Igreja, os sacerdotes, os leigos consagrados e os leigos deveriam se inserir no campo social e político. Ou seja, como no passado, os sacerdotes deveriam assumir um duplo papel: o de iluminar os espíritos para ajudá-los a descobrir a verdade e a discernir o caminho a seguir em meio às diversas doutrinas que os solicitam. Era a proposta de orar em ação na sociedade, não só com palavras, mas com uma ação transformadora.

Em 1972 o teólogo dominicano Pe. Gustavo Gutierrez Merino lançou a obra que inauguraria a Teologia da Libertação, propondo um método teológico segundo o qual a teologia se tornava um instrumento crítico sobre a prática histórica, à luz da palavra evangélica. Ao explicitar as virtudes teológicas – fé, esperança e caridade – a teologia proposta por Merino deveria contribuir para corrigir desvios e esquecimentos, favorecendo uma ação política imediata que deixasse claro o compromisso libertador da Igreja (GUTIERREZ, 1972/1976, p.123). A Igreja pós-concílio, a Doutrina Social revisitada, as conclusões de Medellín e a Teologia da Libertação propuseram uma inversão na pirâmide pastoral: o pobre, em todos os sentidos, passou a ser visto como um outro Cristo.

Historicamente as estruturas do mundo social são produzidas por práticas articuladas (políticas, sociais e discursivas), por isso práticas, regras e padrões definidos pela religião e pelo Estado visam estabelecer uma identidade social (CHARTIER, 2002, p.22-23). A Igreja, em especial na América Latina, retomou a proposta de Francisco de Assis, de ser pobre com os pobres, como o Cristo, de não ter nada de seu, de partilhar todas as coisas, acolhendo a todos e reconhecendo todas as criaturas como filhos do mesmo Deus, sendo irmão de todas as criaturas, vivendo com aqueles que o mundo marginalizou, experimentando a palavra do evangelho encarnada na vida e na realidade, pregando a palavra mesmo aos não cristãos.

Então, esforça-se por desprezar a própria vida, deixando de lado toda a preocupação por ele, de modo que como pobre tinha paz num caminho cercado [de insídias], e somente a parede da carne o separava da visão de Deus [...] o santo amante da humildade transferiu-se para junto dos leprosos e permanecia com eles servindo com maior cuidado por amor a Deus [...] Ajudava também os outros pobres, enquanto permanecia no mundo e seguia o mundo, estendendo a mão da misericórdia aos que nada tinham e mostrando afeto e compaixão aos aflitos. (CELANO, Vita Prima VI, 345. VII, 349).

No início da década de 1970, quando o Brasil vivia a fase mais rígida da ditadura militar, os chamados “anos de chumbo” iniciados no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, as denúncias de tortura ganharam os jornais e o próprio Papa Paulo VI questionou o governo do Brasil. O chamado "milagre brasileiro" buscava convencer a todos de que o Brasil era um país do futuro, como propunha o Stefan Zweig (HOBSBAWM, 2011, 323). Uma revolução cultural avançava, especialmente entre os jovens que desde os movimentos de 1968 em Paris iniciaram a quebra de antigos padrões, conceitos e comportamentos. O movimento hippie ganhou as nações do mundo: jovens da contracultura vivendo em comunidades pregavam o amor livre, a defesa da natureza e combatiam a violência e a guerra. Inspirados nas culturas orientais, especialmente da Índia, pregavam a vinda de uma nova era de “Paz e Amor”. Nesses grupos, Krishna e Francisco de Assis eram os modelos de vida. A *Preghiera Semplice*, agora Oração de São Francisco, foi retomada e percorreu diferentes denominações religiosas. Em 1972, Franco Zeffirelli incluiu essa oração no filme *Fratello Sole Sorella Luna*, seguindo uma estética que o identificou ao movimento "paz e

amor". O filme foi um estrondoso sucesso e abriu espaço para *Jesus de Nazaré*, de 1978, uma produção mais audaciosa desse diretor.

Para aquela geração *blue jeans*, Francisco de Assis representava alguém que rejeitou os valores paternos, para quem as velhas gerações não eram mais relevantes e que buscou construir uma nova realidade. Um jargão jovem da época era “ficar na sua” e Francisco representava alguém que buscou construir uma nova realidade baseado nas suas crenças e no seu amor à vida. Diante de uma sociedade que considerava o pobre como caminho de salvação através da prática da caridade, o santo de Assis revelou o novo lugar do pobre na sociedade. Ele era o retrato do Cristo sofredor (MOLLAT, 1989, p.110). Por isso, em uma sociedade marcada por má distribuição de renda, marginalização das camadas mais baixas da sociedade, arrocho salarial, opressão do poder econômico sobre o pobre e perseguições políticas, Francisco traduziu os anseios de jovens, homens e mulheres que reagiram a isso e estabeleceram uma contracultura de combate a tudo o que gerasse opressão e morte.

Em 1975, o Pe. José Fernandes Oliveira SCJ, mais conhecido como Padre Zezinho, gravou o disco “Um certo galileu”, expressão musical de uma moral cristã fundada no amor, na união, na família e na defesa da vida. Essa obra espelhava os sonhos e a mentalidade de uma juventude católica, ao apresentar um Jesus de Nazaré perseguido, marginalizado e morto por estruturas sociais, políticas e religiosas que não o compreenderam, e Maria como modelo de mãe e senhora silenciosa em ação, além de outros temas evangélicos. No mesmo disco, o sacerdote cantor e compositor dedicou uma canção ao pobre de Assis expondo a ideia de um Francisco irmão de todas as criaturas, fazendo jus à verdadeira oração composta por São Francisco de Assis, o *Cantico delle Creature* ou *Cantico di Frate Sole* (Cântico das Criaturas ou Cântico do Irmão Sol). A canção “Cantiga por Francisco” seguia o modelo de outra, composta por Riz Ortolani e Donavan para o filme *Fratello Sole, Sorella Luna*, de Franco Zeffirelli, e que ficaria conhecida como “Doce é sentir”, também inspirada no *Cantico di Frate Sole*, a verdadeira oração composta por São Francisco.

O *Cantico delle Creature* ou *Cantico di Frate Sole* (Cântico das Criaturas ou Cântico do Irmão Sol) foi composto durante a vida do santo de Assis e expressa a espiritualidade e o modo de vida do *poverello* que, como irmão de todas as criaturas e vivendo uma

espiritualidade encarnada na realidade, fez a paz com o sultão e também com o lobo de Gubbio.

Em 1976, celebrando os 750 anos da morte de São Francisco de Assis, um conjunto de diapositivos (*slides*) acompanhado por uma fita cassete contava a vida do santo e proclamava ao final: “Se tivéssemos um Francisco de Assis a cada 750 anos, o mundo seria diferente”. Esse audiovisual percorreu encontros de jovens, encontros vocacionais, cursilhos e encontros de casais (movimento criado pelo Pe. Pastore em São Paulo, que se espalhou por todo o Brasil). Naquele momento se multiplicaram grupos de atendimento a pessoas carentes, pastorais de doentes, comunidades e igrejas dedicados a São Francisco de Assis.

Em 1981, Leonardo Boff publicou pela Editora Vozes *Francisco de Assis, Ternura e Vigor*, um ensaio, uma reflexão filosófica que identifica Francisco como irmão de todas as criaturas e o pobre como o Cristo sofredor. O pobrezinho de Assis identificou-se com Cristo em todos os níveis e é apresentado como alguém que uniu *Eros* e *Pathos*, conseguindo deslocar o desejo de ser amado para o desejo de amar incondicionalmente, como um Cristo sofredor ressuscitado no amor. Essa condição reconhecida por Sigmund Freud coloca o santo como instrumento de paz em um mundo violento e conturbado, marcado pelo desrespeito aos direitos humanos, pela injustiça, pelos conflitos e pelas guerras.

Na segunda metade da década de 1980, os franciscanos buscavam uma volta às origens. A espiritualidade franciscana retomava as fontes do primeiro século franciscano e a formação dos frades incentivava a vida com os sofredores, a reflexão e a meditação dos escritos e das fontes franciscanas.

Em 1987 a Verbo Filmes lançou e produziu o filme *Pé (Fé) na caminhada*, com texto narrado por Leonardo Boff, refletindo sobre a caminhada da igreja no Brasil, as lutas dos marginalizados e as vivências pastorais das comunidades, como uma atualização da vida e da proposta de Francisco de Assis. Canções como “Pai Nosso dos Mártires”, com letra e música de Cirineu Kuhn e execução do Grupo Tarancón, cantavam o Pai Nosso dos pobres, dos marginalizados, dos mártires da terra e da cidade, dos torturados pelos regimes

ditatoriais. Diante daquela realidade conflituosa, a figura de Francisco de Assis é invocada na canção “*Canta Francisco*”, de Luiz Augusto Passos, na qual o menestrel de Assis canta novamente junto com o povo “tudo o que aprendeu a mudar”; anuncia que nos olhos de Francisco, perdidos de amor, estão índios, operários, negros, latinos, crianças, marginalizados que pedem a reconstrução da Igreja na paixão do pobre, ou seja, na opção preferencial pelo pobre proposta em 1968 pela Segunda Conferência Episcopal dos Bispos Latino-americanos em Medellín, com a presença do Papa Paulo VI, pela Carta Apostólica *Octogesima Adveniens* do Papa Paulo VI em 1971, confirmada em 1979 pela Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla. O combate aos regimes autoritários, a leitura e a interpretação da Bíblia a partir da realidade das comunidades e a Teologia da Libertação forneciam base para a celebração da vida, permitindo a releitura de uma pérola da literatura medieval italiana que é o Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis.

Francisco terminou de compor o Cântico das Criaturas pouco antes de morrer, quando introduziu o louvor à irmã morte corporal (COMPILAZIONE DI ASSISI 1616, 84). Ali Francisco faz referência à terra, à água, ao sol, à lua, ao vento, às estrelas, aos animais, à terra, às flores, às ervas, aos frutos e aos seres humanos, todos como parte da mesma criação. E assim ele mesmo se faz irmão de todas as criaturas, exalta a vida e o Deus da Vida. Essa exaltação se faz inclusive nos versos finais, quando ele se refere à “irmã morte corporal da qual nenhum homem pode escapar” e teme por aqueles que cometem “pecado mortal”, ou seja, que geraram morte, opressão, marginalização, destruição da vida. Contrapõe vida e morte enquanto morte espiritual em uma visão existencialista de que o bem e o mal estão em nós e são uma escolha constante que os seres humanos fazem na medida em que suas práticas são geradoras de vida ou de morte, para si e para os outros. Francisco anuncia uma moral. Ninguém está só e os atos humanos dizem respeito a todas as criaturas que o cercam. Anuncia que para haver vida é necessário superar as estruturas geradoras da morte.

Altíssimo, onnipotente, bom Senhor,
a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.
Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm,

e homem algum é digno de mencionar-te.

Louvido sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o meu senhor irmão Sol,
o qual é dia e por ele nos ilumina.

E ele é belo e radiante, com grande esplendor:
de ti, Altíssimo, traz o significado.

Louvido sejas, ó meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas:
no céu as formaste, claras, e preciosas e belas.

Louvido sejas, ó meu Senhor, pelo irmão vento
e pelo ar, e pelas nuvens, e pelo sereno, e todo o tempo,
pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã água,
que é muito útil e humilde, e preciosa e casta.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,
pelo qual iluminas a noite:

e ele é belo, e agradável, e robusto e forte.

Louvido sejas, ó meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra,
que nos sustenta e governa, e produz diversos frutos,
com coloridas flores e ervas.

Louvido sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor,
e suportam enfermidades e tribulação.

Bem-aventurados aqueles que as suportarem em paz, porque por ti,
Altíssimo, serão coroados.

Louvido sejas, ó meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal,
da qual nenhum homem vivente pode escapar:

Ai daqueles que morrem em pecado mortal:

bem-aventurados o que ela encontrar na tua santíssima vontade,
porque a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei a meu Senhor,

e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade. (SCRITTI, Cântico di frate Sole).³

A inserção de Francisco na sua realidade sócio-política e o seu desejo de fazer a paz eram tão sinceros e marcantes que foram significados no Cântico do Irmão Sol. Isto porque na época havia um conflito entre o bispo de Assis e o *podestà*, que se anatematizavam mutuamente. Francisco, apesar de muito doente, conciliou ambos, apaziguando a cidade. Para tanto compôs a parte do Cântico das Criaturas que se refere ao perdão.

É grande vergonha para nós servos de Deus que o bispo e o podestà se odeiem mutuamente e ninguém se intrometa para tratar da paz e concórdia entre eles. E assim, naquela ocasião, compôs um verso para aqueles louvores a saber:

Louvado sejas meu Senhor,
Por aqueles que perdoam pelo teu amor
E suportam enfermidade e tribulação;
Bem-aventurados aqueles que a sustentam em paz;
Porque por ti Altíssimo, serão coroados.

[...] Ide e cantai o Canto do Irmão Sol diante do bispo, do podestà e dos outros que estão com eles, e confio no Senhor que ele há de humilhar os corações deles [...] Terminados os louvores o podestà [...] os irmãos ficaram admirados, considerando a santidade do bem-aventurado Francisco pois que foi literalmente verdadeiro o que o bem-aventurado Francisco predissera sobre a paz e a concórdia entre eles. (COMPILAZIONE DI ASSISI 1615,83. 1616,84).

A *Preghiera Semplice*, conhecida como Oração de São Francisco, e o Cântico das Criaturas ou Cântico do Irmão Sol testemunham a espiritualidade e o modo de vida de Francisco de Assis e são também uma vocação do cristão que o Papa João Paulo II concebeu na

---

³Em 1994 o grupo musical Altramar formado por músicos, cantores e pesquisadores de música medieval lançou o CD "Saint Francis and the minstrels of God". No disco buscaram recuperar a melodia original do Cântico das Criaturas, mesmo alegando que foram necessários ajustes porque os versos de São Francisco não são simétricos. Mesmo assim é um mergulho na Idade Média e no tempo do Santo de Assis recuperando essa jóia da literatura e da música medieval italianas.

Encíclica *Ut unum sint* (Sobre o empenho ecumênico), publicada em 25 de maio de 1995, dia da solenidade da Ascensão do Senhor:

Acontece cada vez mais frequentemente os responsáveis das Comunidades cristãs assumirem posição conjunta, em nome de Cristo, acerca de problemas importantes que dizem respeito à vocação humana, à liberdade, à justiça, à paz, ao futuro do mundo. Agindo assim, eles « comungam » num dos elementos constitutivos da missão cristã: lembrar à sociedade, de modo realista, a vontade de Deus, alertando as autoridades e os cidadãos para que não sigam pelo declive que os conduziria a espezinhar os direitos humanos. É claro, e a experiência demonstra-o, que em algumas circunstâncias a voz comum dos cristãos tem mais impacto que uma voz isolada. (JOÃO PAULO II, 1995, *Ut unum sint*, II,43).

Antes da publicação da *Ut unum sint* do Papa João Paulo II, no dia 27 de outubro de 1986, mais de 120 representantes de diferentes religiões e denominações cristãs reunidos em Assis, passaram o dia em jejum e oração em honra a Deus, fosse como o chamassem. Momentos similares foram repetidos em 1993, quando da Guerra na Bósnia, e em 2002, depois do ataque às torres gêmeas.

O cinema não ficou ausente no momento em que o mundo assistia ao fim da antiga URSS e à queda do Muro de Berlim. Em 1989, Liliana Cavani dirigiu *Francesco* filme indicado à Palma de Ouro no Festival de Cannes. A diretora apresenta um Francisco um pouco diferente da produção que ela dirigira para a televisão italiana em 1966. Na nova produção Cavani nos apresenta um Francisco que busca superar as barreiras do eu e que, sentindo-se abandonado, clama por uma resposta e se abandona ao amor das criaturas exercitando mais o amar do que o ser amado.

Em uma época em que se sonhava com a pacificação mundial devido ao que se convencionou chamar de fim da Guerra Fria, cresceu a preocupação com a preservação do planeta. A realização da ECO-92 no Rio de Janeiro trouxe ao Brasil pela primeira vez o Dalai Lama. O líder espiritual do Tibet reuniu-se com Dom Paulo Evaristo Arns e com representantes religiosos de diversas denominações, cristãs e não cristãs. Ao final dessa reunião ecumênica, todos, inclusive o Dalai Lama, proclamaram juntos a Oração de São

Francisco expressando os anseios de paz naquele momento histórico. A *Preghiera Semplice* romperá as barreiras das denominações religiosas.

O santo de Assis, a sua espiritualidade, o seu modo de vida, a sua proposta de paz, de ser irmão de todas as criaturas, a *Preghiera Semplice* e o Cântico das Criaturas tudo isso foi significado e ressignificado em contextos históricos diferentes. A chamada Oração de São Francisco é exemplo de uma tradição inventada (HOBSBAWM, 1994, 9-23), pois a Oração da Paz se transformou na oração daquele que foi identificado como modelo dos que querem ser instrumentos da paz. O seu significado foi se adaptando aos contextos de cada tempo histórico e dos grupos sociais. Há 800 anos, a proposta de superar o ódio pelo amor, pelo perdão, pela união entre homens e mulheres, pela pregação da esperança e da fé, através de uma vida de partilha e caridade, foi sendo significada e ressignificada por meio de visões teológicas, antropológicas e lutas sociais.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes e documentos impressos

FONTI FRANCESCANE. Padova: Editrice Francescane. Terza Edizione, 2011.

COMPILAZIONE DI ASSISI. La strofa del perdono. In: Sezione Seconda. Biografie di San Francesco. Fonti Francescane.

CRONACHE E ALTRE TESTEMONIANZE. I NON FRANCESCANE/ GIACOMO DA VITRY. Lettera del 1220 sulla presa di Damietta, da Damietta 1220. In: Fonti Francescane, Sezione Terza.

FRANCESCO D'ASSISI. Cantico di frate sole. In: Scritti di Francesco d'Assisi. Fonti Francescane.

GIACOMO DA VITRY. Lettera del 1220 sulla presa di Damietta, da Damietta. In: Sezione Terza. Cronache e altre testimonianze. Fonti Francescane.

LEGGENDA DEI TRE COMPAGNI. In: Sezione Seconda. Biografie di San Francesco. Fonti Francescane.

LEGGENDA MINORE. In: Sezione Seconda. Biografie di San Francesco. Fonti Francescane.

TOMMASO DA CELANO. Vita Prima. In Sezione Seconda. Biografie di San Francesco. Fonti Francescane.

2. Documentos da Igreja

VATICANO II: MENSAGENS, DISCURSOS E DOCUMENTOS (1962-1965). São Paulo: Paulinas, 1998.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM (1965/1998). In: Vaticano II: Mensagens, Discursos e Documentos, pp. 185-247.

DOCUMENTOS DE PAULO VI. São Paulo: Paulus, 1997.

PAULO VI. Populorum Progressio (1967/1997). In: Documentos de Paulo VI, pp. 109-153.

PAULO VI. OctagesimaAdveniens (1971/1997). In: Documentos de Paulo VI, pp. 226-268.

JOÃO PAULO II. Ut unum sint. 1995. Disponível em http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html. Acesso em 10.JAN.2020.

3. Obras consultadas

ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global Editora, 1845/1988.

FREUD, Sigmund. Mal estar da civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2013.

GEREMEK, Bronislaw. La pietà e la forza. Storia dela miséria de dela carità in Europa. Roma: Laterza, 1995, pp. 3-67.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 6. Cadernos do Cárcere, Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. Petrópolis:Vozes, 1976.

HOBBSAWM, Eric et RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina e outros poemas. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MOLLAT, Michel. Os pobres na Idade Média. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

PAPA PAULO VI. Carta Carta Apostólica OctogesimaAdveniens. Disponível em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em 10.JAN.2020.

RENOUX, Christian. La prièrepourlapaixattribuée à saint François: une énigme à résoudre, préfacédu P. Willibrord-Christian van Dijk, Paris: LesÉditionsFranciscaines, 2001.

VAUCHEZ, André. Francesco d'Assisi. Torino: Einaudi, 2009.